

# REVOLUÇÃO NA AMÉRICA LATINA



VISÃO  
CRISTÃ

"MENSAGEM" é uma revista de católicos chilenos, na qual colaboram clérigos e leigos,

Um número especial dessa revista ( nº 115-1962) é dedicado à análise do problema "Revolução na América Latina" -, tema tão delicado quanto difícil. É um desafio à consciência cristã nos dias de hoje. Por esta razão, julgamos interessante traduzir a parte introdutória da Revista, em que é tratado, com concisão e vigor, o tema a que se dedica. Coloca-nos face ao impacto causado pela Revolução, encarando-a como fenômeno global, isto é, fenômeno econômico, político, moral, etc., tendo, por isso mesmo, implicações religiosas.

Combater ou propiciar a revolução são atitudes possíveis. Mas, serão elas autênticas? "Mensagem" penetra, então, no âmago do problema. Como situar-nos, como cristãos e, portanto, como homens, face à Revolução? Qual o sentido de nosso testemunho? Se, de algum modo, acreditamos em Cristo podemos ter fé na Redenção do homem. Fé implica em risco, por não haver certeza. E risco que envolve esperança no sentido final do homem.

## UMA REVOLUÇÃO EM MARCHA

A primeira vista, o tema revolução na América Latina não passa de um estribilho. Para muitos países europeus, a história da América Latina resume-se numa sucessão pitoresca e temperamental de "revoluções". Generais de altas patentes e vistosas condecorações tomam o poder de outros generais. Isto é tudo, e a revolução torna-se um jôgo de "meninos" ardilosos e ambiciosos que não sabem comportar-se como adultos.

Acontece, sem dúvida, algo de estranho. Este irônico e apressado julgamento europeu sempre nos tem aborrecido. Esforçávamos-nos outrora para ocultar ou dissimular nossas revoluções domésticas e apregoávamos a continuidade da democracia dos nossos regimes. Mas agora somos nós mesmos que falamos de revolução. Desejada ou temida, favorecida ou combatida, a revolução está presente na mente de todos. E quando falamos de revolução não pensamos mais nas quarteladas e nos tumultos de tempos atrás, mas em algo novo e diferente. Quase sem querer, pensamos na Rússia, na China e em Cuba.

Com efeito, sopram ares revolucionários. Uma imensa e, cada vez mais, crescente maioria está tomando consciência da sua força, da sua miséria, da injustiça desta "ordem" política, jurídica, social, econômica, que se obriga a aceitar; e esta maioria não está disposta a esperar mais. Exige uma mudança, uma mudança rápida, profunda, e total das estruturas. Se for necessário, ela está disposta a usar a violência. É a massa popular que aspira à tomada do poder para realizar um autêntico "bem comum". Logicamente, esta massa desejosa de revolução inspira-se na única ideologia revolucionária que está ao seu alcance: a ideologia marxista.

Negar este fato é fechar os olhos diante de uma realidade patente. A no após ano, aumenta em milhões a população da América Latina. Mas, o que representam estes milhões? São milhões de homens desnutridos, analfabetos, amontoados em casebres desumanos. Esses milhões significam simplesmente que, ano após ano, cresce o desespero e, por isso mesmo, aumenta a firme decisão de mudar, aconteça o que acontecer. É esta a significação que tem, já agora, a REVOLUÇÃO NA AMÉRICA LATINA. O desespero que une, transforma-se em pressão popular, ameaçando por fim a "ordem", que é ordem para poucos e desordem para muitos.

Frente a esta revolução em marcha, que atitude deve tomar o cristão? Deve apenas favorecê-la? Deve cruzar os braços e esperar, para ver que acontece? Deve lutar contra ela? Se a revolução fosse somente lutar contra a injustiça não haveria problema. Mas a revolução pode ser também - e de fato tem sido até agora - violência vingativa e vingadora, represália, perseguição, sufocação de liberdade e de direitos, "paredon" e exílio. Não é de se estranhar que, diante dela, sejam diversas as atitudes, inclusive por parte dos cristãos. Respira-se um ar tenso, ar de esperança, mas também, de rancores e de medos; as idéias se confundem e servem - aos que temem ou desejam a revolução, os fatos se simplificam ou se deformam.

Nestas circunstâncias, "Mensagem" tem o dever de orientar seus leitores e, através deles, os cristãos do Chile. O tema, por ser delicado, não

pode ser abordado em discussões apaixonadas e apressadas, mas, ao contrário, deve ser objeto de estudo e reflexão. Este foi o motivo que nos levou a consagrar um número especial de nossa revista à Revolução na América Latina. E, em primeiro lugar, devemos precisar os conceitos e esclarecer as atitudes.

## O CONCEITO DE REVOLUÇÃO

Todos falamos de revolução; mas que se entende por revolução? Em nossa história latino-americana encontramos, ao menos aparentemente, inúmeras revoluções; mas serão elas, verdadeiramente revoluções? Melhor seria chamá-las de quarteladas ou golpes de Estado. Excetuando as revoluções do México, da Bolívia, e de Cuba, as outras revoluções não passam de movimentos provocados por caudilhos, classes ou partidos, com o objetivo de apoderarem-se do poder político, mas sem a intenção de mudar a ordem estabelecida. Um caudilho, para citar um exemplo, consegue, num determinado momento, aglutinar forças, principalmente as que possuem armas, e se defronta com outro caudilho. O vencedor apodera-se do Governo, como se fôra sua presa, e administra o poder público em proveito pessoal. Sucedem-se, assim, num ritmo de revoltas, mais ou menos sangrentas, diversos mandatários sem que haja mudança de regime. As estruturas políticas, jurídico-sociais, econômicas continuam as mesmas. É o mesmo barco, é idêntico o rumo, embora seja outro comandante com diferente uniforme.

Revolução significa, necessariamente, mudança. Se quisermos, por conseguinte, falar com precisão não podemos denominar revolução qualquer queda de Governo. Se esta revolta violenta contra o poder constituído se resume num movimento caudilista, ou militar, seria melhor chamá-lo de "quartelada" ou "Golpe de Estado"; se tem penetração maior, diremos que se trata de uma "insurreição" ou "sublevação". Em ambos os casos, teríamos uma ação violenta contra um Governo, mas não precisamente uma revolução. Uma insurreição pode ser, ao mesmo tempo, "revolução", mas também pode não ser, pois uma revolução não implica, necessariamente, em "insurreição". Não confundamos, por conseguinte, revolução com ação armada contra a autoridade. O essencial na revolução é a mudança de estrutura-verdadeira transformação de regime. As revoluções sociais, até agora, têm sido também insurreições sangrentas, mas não é por isso que se pode concluir que elas sempre ocorrerão desta maneira.

Não é a ação contra a autoridade, ou, quando isto não é possível, a sedição ou resistência duas maneiras de se opor ao Poder - o que define a revolução. "Sedição" significa desordem, deliberadamente provocada; e "Resistência" é a voluntária negação de acatar as diretrizes da autoridade de "legal". Tanto a sedição como a resistência tendem a minar o Governo constituído. Podem ser ações úteis e eficazes, mas não se constituem, necessariamente, em "revolução".

Revolução é mudança, mas nem toda a mudança é revolucionária. Há uma mudança progressiva, necessária, ligada à dimensão histórica de toda sociedade. Esta mudança - não deliberada, não procurada, não imposta /

conscientemente - chamaremos de "evolução". Todo organismo evolui; toda sociedade é, sob certo aspecto, um organismo. Evolução não implica, portanto, em revolução.

Não basta mudar, mas é necessário desejar a mudança e, por isso mesmo, ter consciência do que se quer mudar. Toda revolução autêntica possui uma ideologia conceituada de um futuro e vontade de realizá-lo.

Revolução é, por conseguinte, reforma. Não apenas uma reforma particular, mas reforma integral e radical. Implica, por isto mesmo, um aspecto de urgência. Só metafóricamente podemos falar de revolução agrária, revolução científica, revolução industrial. A autêntica revolução envolve todas as dimensões sociais. Está claro: as estruturas vigentes são inadequadas, inoperantes e injustas; por isso mesmo, há uma irrecorrível decisão de romper radicalmente com a ordem atual, de acabar com o passado, e, partindo do nada, construir uma ordem totalmente nova que corresponda aos anseios totais do homem.

#### ATITUDES PRÓ E ANTI-REVOLUCIONÁRIAS

Tendo precisado os conceitos podemos, agora, aclarar as atitudes.

Encontramos atitudes "pró" e "anti"revolucionárias; mas, são elas autênticas ?

A confusão entre revolução e insurreição leva muitos a anteverem o dia da revolução como sendo o dia da desforra (dies irae), em que realizarão suas pequenas reivindicações. Não se pretende construir, mas antes destruir e vingar-se. A revolução é o grande dia da "justiça", mas da "minha justiça". Na transformação revolucionária só se espera a queda dos poderosos - a sua humilhação. Ao vê-los derrotados, eu - pobre empregado, artista sem sucesso, profissional fracassado, intelectual sem projeção - sentir-me-ei triunfante. A revolução será, assim, mero pretexto que justifica o inevitável e mesquinho ressentimento humano, foco de inumeráveis complexos de inferioridade.

Ao mesmo tempo que evasão de ressentimentos, a revolução pode aparecer, para outros, como um belo e romântico objetivo. É o paraíso perdido e desejado, o "mundo novo", que tornarão supérfluos qualquer esforço e qualquer iniciativa. Destruindo o presente alcançaremos o futuro. E então não haverá mais necessidade de luta; a vida transformar-se-á em um agradável e idílico viver.

Finalmente, a revolução pode ser - e isto é evidente - campo propício para a ambição pessoal, para a revanche do frustrado social, para o egoísta astuto etc. ...

Mas se existem motivos dúbios que me levam a ser a favor da revolução, posso também, ser contra-revolucionário por razões não menos torpes. Posso, assim, agir, ora francamente, ora com subterfúgios. Posso falar de reformas, e até de revolução, com o único intuito de impedir a sua realização. Pouco me importam as mudanças reais, mas quando a elas me re-

firo tenho o objetivo de diminuir, tanto quanto possível, a sua execução; uso da palavra revolução justamente para defender-me dela.

Posso ainda ser, claramente, revolucionário, ao denunciar os "paredons", aparento defender a liberdade e os "anieláveis direitos dos homens". Mas estou realmente pensando no homem, ou mais precisamente em mim? Defendo "a ordem" ou a "minha" ordem? Defendo o direito do homem à propriedade ou, mais precisamente, a "minha" propriedade?

Seja contra a revolução ou a favor dela, sempre encontraremos atitudes inautênticas; manifestações mais ou menos disfarçadas de conhecidos egoísmos. Em ambos os casos, o "eu" é a motivação básica: obter proventos ou evitar dificuldades.

## O CRISTÃO FACE A REVOLUÇÃO

O cristão é filho da Verdade e, por isso mesmo, as suas atitudes devem ser um testemunho autêntico, ou seja, um testemunho da verdade. A sua opção deve evidenciar um julgamento objetivo; deve pois defrontar-se com os fatos, sem deformá-los face aos seus desejos e temores. Deve julgar o que existe e este juízo será a sua norma de ação e de vida. Não deve investir contra moinhos de ventos, nem tampouco omitir-se, ocultando sua cabeça como faz o avestruz da fábula. Nem ilusionismo ingênuo, nem realismo medroso; ser cristão implica em enfrentar com "fair play" a verdade, sem temer, mesmo que esta seja o caminho que o leve a Cruz. Frente à "revolução em marcha" não pode haver neutralidade: Ou se toma uma posição contrária a ela, combatendo-a de forma clara, ou velada, ou então, toma-se uma posição favorável; não resta outra alternativa. Em seu artigo "Cristianismo e Revolução Contemporânea", o Pe. Pierre Bigo mostra como as grandes revoluções modernas brotaram do solo cristão. Tanto o liberalismo, como o marxismo são heresias, deformações do Cristianismo. Nossa grande missão é a de reviver um Cristianismo autêntico: dar à revolução em marcha a sua verdadeira e mais profunda dimensão: a cristã. O Cristianismo foi de fato uma gigantesca revolução. Cristo não veio defender arcaicos esquemas, mas, pelo contrário, rompê-los como estalam os velhos odres ante a pujança do vinho novo, veio quebrar harmonias hipócritas, eliminar as coisas vis e inúteis com o vento ondulante do seu Espírito. Foi uma revolução, mas não nos esqueçamos, baseada em um invencível amor.

Não vemos como conciliar uma atitude autênticamente cristã com uma posição fundamentalmente anti-revolucionária, que se oponha às transformações radicais e urgentes de estrutura. Muito mais cristã, parece-nos a atitude daqueles que enfrentam a realidade da revolução em marcha, e se esforçam por orientá-la por caminhos cristãos. Esta atitude é consequência de uma convicção: todos somos irmãos, todos temos o direito e o dever de realizar nossa missão, nossa tarefa humana, todos devemos viver humanamente. Devemos, por conseguinte, instaurar um regime político, uma ordem jurídica, social e econômica que realize, efetivamente, o "bem comum", o bem de todos, ainda que se sacrifiquem certos "bens particulares". Esta realização não deve ser postergada à "Kalendas Gregas", porque ela é urgente.

Exige-se uma mudança profunda e integral de estrutura, uma mudança urgente que responda aos angustiados e aflitos anseios das massas. Não por medo, mas por convicção, porque é justo, porque a Redenção de Cristo é para todos, porque, enfim, para o cristão, não há nobres nem plebeus; todos somos filhos de Deus e herdeiros da eternidade. Devemos inclusive, estar dispostos a renunciar, espontaneamente, às nossas poucas comodidades e mesmo às nossas agradáveis liberdades, se fôr necessário, para assegurar a liberdade, ou melhor, a libertação da grande maioria.

Alguns poderão afirmar que esta decisão de mudar, tão bruscamente, as estruturas vigentes, com o objetivo de substituí-las por outras que tornem realmente possível a realização do "bem comum", não se constitui propriamente, em ação revolucionária. É utópico - certamente afirmarão - pensar que esta transformação radical se efetue por via legal, ou ao menos pacificamente. Não faltarão setores irredutíveis e fechados que se vão opor, sob os mais variados pretextos, às reformas radicais. A única revolução de fato possível será a revolução da massa frenética, a revolução da violência, da pilhagem e do "paredon". Não nos atrevemos a ser tão categóricos. Em todo o caso, o cristão tem por obrigação esforçar-se para cristianizar a revolução, tem o dever de conduzi-la por caminhos humanos, dela afastando o sentido de vingança, de ressentimentos, de ambição, de lucro, de violência e injustiça. Deve lutar, leal e dedicadamente, pelo "bem comum", defendendo, ao mesmo tempo, o caráter sagrado e inalienável da pessoa humana.

A revolução está em marcha. Quem a ela não se opõe mas, ao contrário, a favorece, se envolve num risco (ninguém sabe exatamente onde termina o processo revolucionário). Mas a vida é risco e o cristianismo não é uma religião de fracas afirmações, mas de generosas loucuras. O importante, e este é o imperativo do Cristianismo de hoje - é a sinceridade, a autenticidade, a lealdade. Não tornemos o Cristianismo um artifício, nem façamos dele mera couraça. Não falemos da "sagrada" cultura ocidental. Evitemos todo lugar comum e toda hipocrisia. Veracidade e audácia são as virtudes de que necessitamos. Veracidade: amor à verdade, amor desinteressado, puro, valente, despojado de todos os narcisismos; enfim amor integral. Audácia: decisão de lutar contra os obstáculos, ainda que pareçam insuperáveis, decisão esta alimentada pela fé, pela esperança e pelo amor. Não nos esqueçamos de que só unidos em Cristo poderemos cristianizar a revolução em marcha.

#### GLOSSÁRIO

As palavras como as coisas, progressivamente, se disvirtuam com o uso. Não é de se estranhar, portanto, que uma palavra com um sentido preciso termine por significar algo inteiramente distinto. Esta inevitável mudança de significado ocasiona confusões e causa, não poucas vezes, intermináveis e estéreis discussões. Acreditamos, por esta razão, ser útil precisar a nossa terminologia. Não temos a pretensão que seja a única vigente ou a mais acertada. Parece-nos ser, entretanto, a mais adequada, e é a que adotamos neste número.

QUARTELADA - Golpe armado promovido por uma facção militar contra a autoridade legalmente constituída.

GOLPE DE ESTADO - Levante armado, como no caso anterior, mas não necess

sariamente dirigido por militares. Pode, no entanto, originar-se da ação direta de um partido político ou de uma facção caudilista.

**INSURREIÇÃO** - Também levante armado e violento contra a autoridade legalmente constituída, mas com a participação de vários setores da população. O objetivo primário da insurreição é a derrubada de um regime; acabar, violentamente, com o que se considera um mal nacional.

**REVOLTA** - (Motim ou rebelião) - É também um levante armado e violento / contra a autoridade legal, mas realizado por setores isolados, fruto de situações momentâneas, desorganizado e particularista, sem possibilidades reais de conseguir o seu objetivo.

**SUBVERSÃO** - Atividade destinada a acirrar os ânimos contra a autoridade legalmente constituída, de uma forma disfarçada.

**SEDIÇÃO** - Atividade agitadora, que provoca perturbações e desordens, com o objetivo de solapar a autoridade legal, dificultando-lhe o cumprimento das suas obrigações. A característica da sedição é o estabelecimento da desordem, da violência, do caos. Promeve-se a desordem para demonstrar a incapacidade e a inoperância da autoridade legal.

**EVOLUÇÃO** - É uma transformação que, embora de modo não deliberado, necessariamente, se realiza em todo organismo vivo. Toda a sociedade humana, por ser temporal, evolui. A transformação evolutiva é sempre gradual, lenta, embora nem sempre resulte em progresso, pois pode implicar também em decadência ou retrocesso. No organismo social, a evolução é consequência, sobretudo, de uma imperiosa necessidade de adaptação para sobreviver.

**REFORMA** - É uma transformação deliberadamente produzida, específica e limitada, deduz-se que corresponde a uma idéia, a um plano. Diferencia-se da evolução por ser uma mudança rápida e conscientemente provada.

**REVOLUÇÃO** - É uma transformação deliberadamente produzida, tendo uma formulação ideológica e uma planificação; é rápida e radical, abrangendo todas as estruturas básicas (políticas, jurídicas, sociais, e econômicas) transformação, portanto, rápida, profunda, que modifica, globalmente, as estruturas vigentes. A revolução pode ser realizada através de uma insurreição, mas isto não ocorre necessariamente. Devemos distinguir na revolução dois momentos ou duas etapas: a) o momento da ruptura radical com as estruturas vigentes; b) o momento da construção da ordem nova. A ruptura aparece sempre com um caráter ou aspecto de rapidez, é quase um rompimento ou corte na história, uma negação do passado seguido de um recomeçar histórico. A construção da ordem futura deve ser relativamente rápida. O importante é evitar que a construção desta nova ordem fique paralisada, tornando-se o provisório definitivo. Neste caso haveria um fracasso da revolução. Sendo a revolução, essencialmente, uma mudança, é evidente que só termina o processo revolucionário com a instauração da nova ordem.

\* \* \* \* \*